

Visão solene da morte: uma análise da semântica global em epitáfios cristãos

The solemn vision of death: an analysis of global semantics in Christian epitaphs

PEREIRA, ALINE GASPAR
apmlunir@gmail.com

Mestre em Letras pela Universidade Federal de Rondônia (Unir)

**COTINGUIBA, MARÍLIA
LIMA PIMENTEL**
marhil@unir.br

Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista (Unesp)
Docente do Mestrado em Letras da Unir

PALAVRAS-CHAVE:
Análise do Discurso;
Semântica global;
Epitáfios;
Discurso cristão.

RESUMO: Considerando o conceito de semântica global de Dominique Maingueneau (2021), este artigo tem por objetivo analisar o funcionamento da formação discursiva (FD) cristã em diferentes planos discursivos dos enunciados de epitáfios encontrados em túmulos cristãos. Para isso, adotamos como *corpus* uma amostra de cerca de 50 epitáfios coletados no Cemitério dos Inocentes, um dos cemitérios mais antigos de Porto Velho, capital de Rondônia, estado situado na Amazônia brasileira. Entendemos aqui o discurso cristão como aquele que está baseado, essencialmente, na crença de que Jesus de Nazaré seria o “Cristo”, o filho de Deus profetizado nas antigas escrituras bíblicas, cuja vida e cujos ensinamentos são apresentados no Novo Testamento. Analisamos seis planos da semântica global dos enunciados da amostra – vocabulário, intertextualidade, temas, tipografia, dêixis enunciativa e modo de enunciação. A partir disso, foi possível observar como a visão solene da morte, reivindicada pela FD em questão, funciona nesses diferentes planos, estando associada, principalmente, à concepção de vida eterna, que é central para o cristianismo.

KEY-WORDS:
Discourse Analysis;
Global semantics;
Epitaphs;
Christian discourse.

ABSTRACT: Considering Dominique Maingueneau’s (2021) concept of global semantics, this article aims to observe the functioning of the Christian discursive formation in different discursive planes of epitaphs affiliated to such discursive formation. To do so, we adopted as corpus a sample of about 50 epitaphs collected at the Cemitério dos Inocentes, one of the oldest cemeteries in the city of Porto Velho, capital of Rondônia, state located in the Brazilian Amazon. We understand the Christian discourse as that which is essentially based on the belief that Jesus of Nazareth would be the “Christ”, the son of God prophesied in the ancient biblical scriptures, whose life and whose teachings are presented in the New Testament. We analyzed six planes of the global semantics of the statements of the sample – vocabulary, intertextuality, themes, typography, enunciative deixis and mode of enunciation. From this, it was possible to observe how a solemn vision of death, claimed by the discursive formation in question, functions in these different planes, being mainly associated with the conception of eternal life, which is central to Christianity.

1. INTRODUÇÃO

Epitáfios – do grego, *epi* (sobre) + *taphos* (túmulo) – são enunciados inscritos em lápides tumulares ou monumentos funerários. Trata-se de uma prática milenar, provavelmente iniciada no Antigo Egito (Lima, 2016), que chegou aos nossos dias sob as formas mais comuns de frases curtas que enaltecem o morto e os seus feitos em vida, expressam a dor e a saudade da família enlutada ou fazem menções a algum tipo de crença religiosa. Por isso, esses enunciados permitem perscrutar concepções e atitudes em relação à morte em diferentes sociedades e credos. Neste artigo, voltamos a nossa atenção para um credo em particular – o cristianismo. Quais as especificidades e as regularidades de epitáfios encontrados em túmulos cristãos de um cemitério localizado em uma das capitais mais evangélicas do Brasil?

Tentando responder a essa questão, recorreremos ao conceito de semântica global, desenvolvido por Dominique Maingueneau ([1984] 2021) para uma Análise de Discurso (AD) de base enunciativa, com o objetivo de analisar o funcionamento da formação discursiva (FD) cristã em epitáfios encontrados em túmulos cristãos. Adotamos como *corpus* uma amostra de enunciados coletados no Cemitério dos Inocentes, um dos cemitérios mais antigos da cidade de Porto Velho, capital de Rondônia, estado brasileiro situado na Amazônia. O cemitério foi fundado em 1915 e recentemente elevado à categoria de patrimônio histórico-cultural da cidade pela Lei n.º 2.820, de 24 de junho de 2021. A coleta de dados se deu no segundo semestre de 2021, com a autorização da Central de Óbitos da Secretaria Municipal de Serviços Básicos (Semusb) de Porto Velho, órgão atualmente responsável pela administração do local.

Conforme já adiantamos, o principal conceito mobilizado neste artigo é o de semântica global, apresentado no capítulo 3 da obra *Gênese dos Discursos*. Nesse capítulo, Maingueneau

(2021) propõe a hipótese de que o discurso pode ser visto como um sistema de restrições semânticas globais que incidiriam sobre todas as dimensões de um discurso ou sobre o conjunto do que o autor chama de “planos discursivos”. Este artigo propõe a análise de seis planos discursivos dos epitáfios cristãos – vocabulário, intertextualidade, temas, tipografia, dêixis enunciativa e modo de enunciação. Procuramos, sobretudo, observar como uma visão solene da morte, reivindicada pela FD em questão, funciona nesses diferentes planos.

Entendemos aqui o discurso cristão como aquele que está baseado, essencialmente, na crença de que Jesus de Nazaré seria o “Cristo”, o filho de Deus profetizado nas antigas escrituras bíblicas, cuja vida e cujos ensinamentos são apresentados no Novo Testamento. Bastante influente na cultura ocidental, o cristianismo hoje se ramifica em diversas denominações que guardam algumas diferenças fundamentais entre si. Neste artigo, interessa-nos abordar o discurso cristão em termos gerais – ou seja, privilegiamos o que essas diferentes denominações têm em comum, desconsiderando eventuais especificidades doutrinárias. Para classificar os epitáfios da mostra como “cristãos”, recorreremos não só ao cotejo de aspectos linguísticos, mas também à observação da presença, nos túmulos, de iconografia cristã (imagens de Jesus Cristo, por exemplo) e de símbolos específicos (principalmente, da cruz cristã).

Este artigo está organizado em outras duas seções, para além desta introdução e das considerações finais. Na seção 2, expomos brevemente a noção de semântica global e, em seguida, na seção 3, apresentamos as análises.

2. A NOÇÃO DE SEMÂNTICA GLOBAL

Em *Gênese dos Discursos*, Maingueneau (2021) propõe a hipótese de que o discurso pode ser analisado como um sistema de restrições globais de sentido. Essas restrições seriam “globais”,

pois incidiriam sobre todas as dimensões de um discurso – ou sobre “o conjunto dos ‘planos’ discursivos”. Ao pensar assim globalmente e sem privilegiar ou estabelecer quaisquer hierarquizações entre esses planos, Maingueneau rejeita a concepção de que existiria um aspecto privilegiado no qual a especificidade do discurso estaria condensada, concepção essa que pode levar, por exemplo, ao que o autor (2021, p. 75) chama de “monopólio das análises lexicológicas”. Do mesmo modo, rejeita-se a existência de uma “arquitetura” do discurso, um “fundo” por meio do qual se possa distinguir o que é essencial do que é acessório ou a superfície da profundidade. A proposta é entender o funcionamento discursivo como um sistema, uma engrenagem regida por coerções semânticas que podem ser percebidas não só no plano do vocabulário, mas também nos temas de que um discurso trata, nas obras que um discurso cita, no espaço e no tempo com os quais um discurso se identifica ou nos seus modos de enunciação e coesão, entre outros aspectos. O analista deve voltar a sua atenção para os diferentes planos da superfície textual, pois são eles que, mobilizados em conjunto, permitem identificar as especificidades de um discurso. Esses diferentes planos são integrados ao mesmo tempo, tanto na ordem do seu enunciado (instância verbal) quanto da sua enunciação (instância que engendra o enunciado). Por outras palavras, não só os aspectos verbais das práticas discursivas podem ser considerados, mas também os não verbais.

Com base nessas premissas, no capítulo 3 de *Gênese dos Discursos*, Maingueneau (2021) exemplifica a análise de sete planos do discurso humanista devoto, cujos sistemas de coerções foram estabelecidos no capítulo anterior da obra – intertextualidade, vocabulário, temas, estatuto do enunciador e do destinatário, dêixis enunciativa, modo de enunciação e modo de coesão. O autor (2021, p. 77) adverte, contudo, que a lista dos planos considerados não foi objeto de uma elaboração teórica que pretendesse definir um “modelo da textualidade”. A intenção foi tão só ilustrar a variedade das dimensões abarcadas pela perspectiva de uma semântica global,

e nada impede que se possam identificar e analisar outras. Do mesmo modo, neste artigo, são analisados apenas seis dentre outros possíveis planos discursivos identificáveis em epitáfios cristãos. Esses planos foram escolhidos dentre aqueles que julgamos que melhor se articulam aos objetivos da pesquisa.

3. PLANOS DA SEMÂNTICA GLOBAL DE EPITÁFIOS CRISTÃOS

Em seu estudo sobre a constituição dos espaços cemiteriais da cidade de Porto Velho, Nogueira (2015) explica que o Cemitério dos Inocentes foi concebido inicialmente para abrigar os restos mortais dos “mundiças”, trabalhadores informais que residiam nos bairros da periferia da capital até o final da primeira metade do séc. XX. Na estrutura social de uma cidade que estava então nos primórdios da sua constituição, em plena floresta amazônica, tais trabalhadores distinguiam-se dos chamados “categas”. Esse termo, corruptela do substantivo “categoria”, era utilizado pela população local para designar “pessoas de maior categoria” (Nogueira, 2015, p. 34), recrutadas para o trabalho da construção de uma estrutura ferroviária, a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, que ligaria Porto Velho a Guajará-Mirim para o escoamento da produção de borracha. Trabalhar na Madeira-Mamoré franqueava aos “categas” o acesso a uma infraestrutura privada, moderna e funcional, instalada precisamente para a construção do complexo ferroviário. Sem qualificações para trabalhar na construção da estrada de ferro nem vínculo empregatício formal, os mundiças, por sua vez, ocupavam um espaço público totalmente desassistido, pobre e sem condições básicas de higiene. Após a morte, eram enterrados, em muitos casos, sem qualquer identificação.

Aos poucos, contudo, o Cemitério dos Inocentes foi recebendo corpos de moradores de outros bairros da cidade e, nos últimos anos, jazigos de famílias ricas e de personalidades

locais importantes, com seus túmulos suntuosos. Atualmente, administrado pela prefeitura municipal, o cemitério é público e, portanto, não confessional. De todo modo, podemos afirmar que nele predominam os epitáfios cristãos, como esperado, atendendo a que mais de 80% da população portovelhense professa uma religião de matriz cristã (IBGE, 2010). Porto Velho figura ainda na quarta posição entre as capitais brasileiras com maior proporção de evangélicos em termos percentuais (Exame, 2013), sendo capital do estado mais evangélico do país (IBGE, 2010).

Em relação ao tópico da morte, podemos afirmar que, ao longo da história, quase todas as sociedades conhecidas deram um lugar de destaque a esse acontecimento. Contudo, diversos autores relacionam o advento do cristianismo à institucionalização pioneira das concepções escatológicas e dos rituais funerários, sobretudo no Ocidente (Nogueira, 2015). Em termos bem gerais, para os cristãos, a morte física é definitiva e marca a passagem para um dos dois planos do pós-vida: o céu ou o inferno. A destinação para um plano ou outro depende do julgamento divino daquilo que o indivíduo fez em vida – o céu representa a possibilidade de vida eterna para quem teve fé e seguiu os ensinamentos de Jesus Cristo; já o inferno é o lugar de sofrimento para onde vão os ditos pecadores. Por isso, quando um cristão morre, os seus familiares choram a perda da sua presença no plano terreno e rezam para que ele alcance a salvação no plano divino. A morte é, portanto, encarada como um acontecimento solene, em torno do qual a vida do cristão deve estar centrada. Por exemplo, a primeira epístola aos Coríntios (15,19) afirma que, se a esperança em Jesus Cristo se resumisse a esta vida, o fiel seria o mais infeliz de todos os homens. A Igreja Católica considera que é diante da morte que o enigma da condição humana atinge o seu ponto mais alto (*Gaudium et Spes*, 18). Nessa mesma direção argumentativa, o capítulo X, art. 23 do *Manual Presbiteriano* dispõe que:

o corpo humano, mesmo após a morte, deve ser tratado com respeito e decência. Chegada a hora marcada para o funeral, o corpo será levado com decência para o cemitério e sepultado. Durante essas ocasiões solenes, todos os presentes devem portar-se com gravidade. O oficiante deverá exortá-los a considerar a fragilidade desta vida e a importância de estarem preparados para a morte e para a eternidade. (Igreja Presbiteriana do Brasil, 1999, p. 118).

Portanto, entendemos que, em relação ao tópico da finitude da vida humana, o discurso cristão reivindica o sema /Solenidade/. Nessa afirmação, também adotamos concepções de Maingueneau apresentadas em *Gênese dos Discursos*. Segundo o autor, cada discurso repousa sobre um conjunto de unidades de sentido mínimas, designadas como “semas” e geralmente assinaladas entre barras para destaque. Esses semas estão repartidos em dois registros: de um lado, os semas “positivos” ou reivindicados; de outro, os semas “negativos” ou rejeitados. Ao destacarmos que o cristianismo reivindica, entre outras possibilidades, o sema /Solenidade/, queremos enfatizar que essa FD vê a morte como um acontecimento importante, elevado e sério, que deve ser assinalado com rituais específicos. Entendemos também que esse sema recobre os posicionamentos de diversas denominações cristãs, podendo ser considerado um “ponto de cristalização semântica” (Maingueneau, 2021, p. 80) do tratamento dado ao tópico em questão. O conceito de “posicionamento” é aqui entendido como uma “identidade discursiva forte” ou um “lugar de produção discursiva bem específico”, englobando também as operações pelas quais essa identidade se instaura e se conserva (Charaudeau; Maingueneau, 2004, p. 392).

Em seguida, passamos à análise de seis dos planos discursivos dos epitáfios cristãos coletados no Cemitério dos Inocentes. Para isso, privilegiamos aquilo que foi identificado como mais recorrente em uma amostra composta por aproximadamente 50 epitáfios, de diferentes épocas – o mais antigo é de 1928, e o mais recente, de 2021. Na maior parte dos túmulos, constam datas de nascimento e de morte, o que permitiu estabelecer que 80% dessa amostra refere-se

a sepultamentos que ocorreram a partir dos anos 2000 e que a idade média dos enunciados considerados é de aproximadamente 20 anos.

3.1. INTERTEXTUALIDADE

De acordo com Maingueneau (2021), a intertextualidade remete ao tipo de relações com outros discursos definidas como legítimas pelas coerções semânticas de um conjunto de FDs (ou de um campo discursivo). A intertextualidade deixa as suas marcas por meio do intertexto, compreendido como a totalidade dos fragmentos efetivamente citados por um discurso, que constrói para si um “passado específico” (Maingueneau, p. 78), assumindo determinadas filiações e recusando outras.

Na FD cristã, as relações intertextuais legítimas são, sobretudo, aquelas estabelecidas com as Escrituras. A *Bíblia* é um conjunto de livros sagrados para os cristãos, pois apresenta a palavra do Deus em que esses fiéis acreditam, reunindo as histórias, as doutrinas e as práticas que sustentam a fé cristã. Pode-se afirmar que, nesse contexto, há apenas uma fonte de autoridade legítima: a dos ensinamentos divinos, na forma expressa pelas escrituras, e tudo aquilo que desrespeita ou contradiz esses ensinamentos tende a ser rejeitado pela comunidade cristã. Essa coerção é facilmente identificada nos epitáfios considerados na amostra, em que praticamente só encontramos citações da *Bíblia*. Há alguns enunciados, inclusive, que, depois de apresentarem o nome do falecido e as suas datas de nascimento e de morte, limitam-se a citar versos de salmos ou passagens curtas do Novo Testamento que, de alguma forma, tematizam a morte. Em mais de uma ocorrência, encontramos a reprodução do Salmo 91 (“Aquele que habita no esconderijo do Altíssimo, à sombra do Onipotente descansará”). Outro versículo bastante citado é retirado da segunda epístola a Timóteo, da autoria do apóstolo Paulo (2,7): “Combati o bom combate, terminei a corrida, guardei a fé”.

De modo geral, podemos afirmar que, nas condições de produção aqui consideradas, a citação dessas e de outras passagens semelhantes faz com que o enunciador assumo o posicionamento de um cristão que, no momento da morte, reafirma a sua crença. Trata-se de um gesto especialmente importante nesse momento. De fato, embora a chamada “soteriologia” constitua um assunto polêmico, com algumas divergências fundamentais entre as diversas denominações (cf., por exemplo, Santos, Figueiredo e Silva (2021)), em geral, podemos afirmar que o discurso cristão apregoa a fé como condição necessária para a salvação da alma. As citações bíblicas tornam-se, assim, signo de pertencimento, expressando à comunidade e também a Deus uma adesão às regras e aos valores da *doxa*. A onnipresença da *Bíblia* nos epitáfios cristãos pode, então, ser lida como um índice do funcionamento de uma forma solene de encarar a morte – trata-se de um momento demasiado decisivo para que o cristão desvie o foco de um conjunto de livros que é para ele sagrado. É sob a égide da palavra divina que o fiel deve fazer a sua passagem ao plano do pós-vida.

3.2. VOCABULÁRIO

Na perspectiva de Maingueneau (2021), não faz sentido em falar em um vocabulário desse ou daquele discurso, como se cada um apresentasse um léxico que lhe fosse próprio. O que o autor defende é antes a existência de diferentes explorações semânticas das mesmas unidades lexicais, dependendo de cada FD. Uma vez que pode ser explorada contraditoriamente, a palavra em si mesma não constitui uma unidade analítica pertinente. As análises lexicográficas podem, contudo, explicitar o funcionamento das restrições semânticas de um discurso, permitindo justificar o estatuto privilegiado atribuído a determinados termos.

Conforme mencionamos anteriormente, no cristianismo, a morte é um acontecimento solene – afinal, é o momento que marca a possibilidade de encontro com o Criador ou de destinação ao inferno. Por isso, deve inspirar respeito e receio. Vejamos alguns exemplos de como essa /Solenidade/ incide sobre o plano do vocabulário nos epitáfios cristãos. Em primeiro lugar, é possível notar que o uso do plural majestático (“vós”, “vosso”) para interpelar a figura divina, recorrente nos enunciados analisados, deixa o discurso mais formal e sinaliza uma postura de reverência por parte do enunciador.

Outra marca dessa escolha vocabular coagida pelo sema /Solenidade/ é a ausência do uso de vocábulos como “morreu” ou “faleceu” em referências diretas ao morto. Os enunciados apelam, então, a diversas formulações eufemísticas, que suavizam a carga semântica dos termos rejeitados: “jaz”, “dorme”, “adormece”, “repousa”, “descansa”, “segue em paz”, “estás distante”, “Deus o chamou”, “foi morar na casa do Senhor”. Além disso, para indicar as datas de nascimento e de morte, os túmulos cristãos recorrem, respectivamente, a uma estrela e a uma cruz, um dos símbolos do cristianismo. Já em um dos túmulos judaicos que está no Cemitério dos Inocentes são utilizadas as expressões “nasceu a” e “faleceu a”, por exemplo. Por um lado, os efeitos de sentido dessa interdição se articulam, conforme já adiantamos, a uma postura de respeito imposta pelo momento solene da morte e, por outro, à própria ideia de vida eterna. Não por acaso, a maioria desses verbos está conjugada no presente do indicativo, enfatizando a crença na continuidade da existência do morto, agora em outro plano. Assim, o uso de “morreu” no contexto de uma FD cristã seria não só um difemismo, mas algo que silenciaria o dogma da vida além-túmulo, que, articulado à ideia de ressurreição, pode ser considerado a marca central do cristianismo. Cristo foi enviado pelo Criador para morrer pelos pecados da humanidade; após ser crucificado, Ele ressuscitou (1 Co 15,3-4). Se, por um lado, o tempo humano na Terra é finito, por outro, aquele que crê em Jesus será por Ele ressuscitado, alcançará a eternidade e viverá junto do Pai (Rom, 6,23; Jo, 6,40).

3.3. TEMAS

Na perspectiva da semântica global de Maingueneau (2021, p. 82), os temas são abordados em sentido amplo, concebidos como sendo “aquilo de que um discurso trata”. A proposta, nesse contexto, não é estudar cada um dos temas isoladamente ou em estabelecer uma hierarquia entre eles, uma vez que a ação deles é perceptível vários aspectos do texto. Do mesmo modo, entende-se que a especificidade de um discurso não decorre da abordagem de um ou de outro tema, mas do tratamento semântico que eles recebem em cada FD, de acordo com o sistema de restrições vigentes.

No campo religioso, o tópico da finitude da vida humana pode ser considerado aquilo que Maingueneau (2021, p. 82) chama de “tema imposto”, no sentido em que todas as religiões, de alguma forma, devem dar resposta ao que acontece com o fiel quando ele morre. Nos epitáfios considerados na amostra, a morte é tematizada estritamente de acordo com as coerções da doutrina cristã. Não se alude, por exemplo, à ideia de reencarnação, uma vez que a morte física é encarada como algo definitivo nessa FD. Os enunciados expressam, então, a certeza de que o falecido vive para sempre em outra dimensão, sendo bastante recorrente a citação desta fala de Jesus Cristo: “Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morto, viverá” (Jo, 11,25). Trata-se de uma crença que é basilar para o cristianismo e que, por essa centralidade, não pode deixar de expressar o fundamento de visão solene do momento da morte.

Embora expressem dor e saudade, os familiares mostram-se resignados com a vontade de Deus. Esse, aliás, é outro tema do dogma cristão: os desígnios divinos são perfeitos e inquestionáveis – mesmo que o fiel não os compreenda, deve aceitá-los com humildade. Por exemplo, um epitáfio afirma: “[...] Vós [dirigindo-se à figura divina] o haveis emprestado para fazer a

1. Transcrevemos os epitáfios respeitando estritamente a redação original. Neste caso, foi apenas incluída a pontuação, que não existia, para facilitar o entendimento.

nossa felicidade. Nós o restituímos sem murmúrio, porém com o coração despedaçado pela saudade¹”.

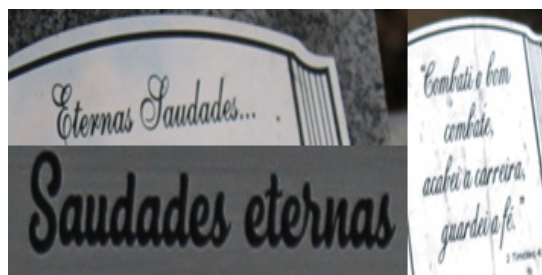
Como referimos de início, muitos epitáfios têm como tema o enaltecimento do morto, como forma de manter viva a sua memória entre a comunidade. No contexto da FD cristã, esse propósito funciona de um modo particular. Os enunciados frequentemente evocam o *habitus* religioso do falecido, o seu estatuto de bom cristão. Vejamos estes dois exemplos: “Aqui jaz dos grandes homens que dedicaram suas vidas a obra de Deus na terra” e “Viverás eternamente na glória do Senhor [...]. Mulher de fé ardente, oração constante e de contemplação”.

3.4. TIPOGRAFIA

Maingueneau (2021) não restringe à instância verbal textual a validade do sistema de restrições semânticas próprias de um discurso. Isso significa que, para o autor, a prática discursiva pode ser também analisada como uma prática intersemiótica, integrando aspectos pertencentes a outros domínios semióticos que não o da ordem estritamente linguística. Dessa perspectiva intersemiótica, podemos afirmar que a noção de /Solenidade/ incide também sobre a escolha do tipo de fonte frequentemente usado na inscrição dos epitáfios cristãos. Trata-se de variações da letra cursiva. Em seguida, apresentamos alguns exemplos coletados em diferentes túmulos.

Figura 1 - Exemplos das fontes tipográficas de epitáfios da amostra.

Fonte - Cemitério dos Inocentes – arquivo pessoal (2021).



A tipografia cursiva imita a escrita à mão. Diz-se que é “cursivo” qualquer estilo de caligrafia em que os caracteres sejam dispostos de maneira fluida, o que geralmente acaba facilitando a escrita e tornando-a mais rápida. Esse tipo de fonte está, por isso, associado sobretudo a documentos antigos anteriores à difusão da imprensa, como as iluminuras, manuscritos produzidos por monges copistas em conventos medievais. Os traços exagerados de algumas letras cursivas revelam uma preocupação com a estética da apresentação do texto, em detrimento da sua legibilidade. Ao longo dos tempos, essa tipografia foi se tornando comum em convites e diplomas, um uso que imprime aos documentos traços como formalidade, elegância, delicadeza, nobreza.

Nos epitáfios da amostra, a presença de diferentes variações dessa mesma família de fontes está em sintonia com a visão solene da morte imposta pela FD cristã. Não pretendemos afirmar que se trata de um atributo restrito aos epitáfios cristãos – lápides arreligiosas ou de outras confissões religiosas podem recorrer à mesma tipografia. No caso do cristianismo, essa /Solenidade/ decorre de aspectos específicos – iminência do julgamento divino, expectativa de vida de eterna, possibilidade de ascensão ao paraíso ou queda para o inferno. Sendo assim, argumentamos que, também na estética dos enunciados, podemos observar o funcionamento das restrições semânticas do discurso cristão.

3.5. DÊIXIS ENUNCIATIVA

Na perspectiva teórica adotada neste artigo – a da AD de base enunciativa –, a dêixis é entendida como a construção espaciotemporal operada por um discurso, em função do universo por ele erigido (Maingueneau, 2021). Não se trata, assim, de datas e locais empíricos, mas de uma instância de enunciação legítima, que delimita uma cena e uma cronologia conformes às restrições de uma dada FD. A partir da análise da nossa amostra, podemos afirmar que as

remissões dêiticas dos epitáfios cristãos estabelecem uma oposição entre o plano terreno e o plano celestial. Uma afirmação relativamente recorrente é a de que o amor e a saudade da família enlutada (os enunciadores) acompanharão o defunto ao céu. Outro enunciado afirma: “Obrigado meu Deus pelos dias vividos aqui na terra”. Nessa formulação, a especificação “aqui na terra” justaposta a “dias vividos” permite pressupor a crença em “dias vividos” em outra instância que não a terrena – há outra vida para além deste plano, daí a necessidade (ou a legitimidade) da especificação.

Articulada a essa oposição espacial, está a alusão constante à ideia de eternidade. Essa eternidade vale não só para o plano celestial, onde está associada à crença na vida eterna, mas também se estabelece no plano terreno, por meio da perpetuação da memória do falecido entre os que ficaram. Por outras palavras, o cristão vive eternamente no céu, pois alcançou salvação, e na terra, pois é aqui lembrado pelos seus familiares. Vejamos alguns enunciados: “Viverá eternamente na memória daqueles que a amam”, “Saudades eternas”, “Seus ensinamentos são eternos”, “O seu nome sempre será lembrado”, “Ele foi nosso herói. / Na verdade, sempre será”, “A tua presença ficará para sempre”, “As nossas lembranças jamais se apagarão”. Céu e eternidade constituem, portanto, o espaço-tempo delimitado pelos epitáfios cristão. Nessa restrição, também podemos perceber o funcionamento de uma visão solene da morte – afinal, o céu é o objetivo central da vida de todo cristão; a eternidade, por sua vez, opõe-se à fugacidade da vida terrena e implica uma dissolução das próprias categorias do tempo cronológico. Num e noutro casos, estamos perante categorias sublimadas.

Algumas poucas inscrições tumulares da amostra adotam a célebre fórmula “aqui jaz” (do latim, *hic jacet*), uma herança da retórica funerária greco-latina. É interessante notar que, em epitáfios da Grécia Antiga, filiados, portanto, a outra FD, os dêiticos “aqui” e “agora” eram

incluídos em praticamente todos os enunciados. Os efeitos de sentido dessa inclusão têm sido associados a uma ênfase no momento presente e na comunidade na qual o falecido habitava, sobretudo por meio da evocação das suas qualidades em vida e da atualização da tristeza dos que a ele sobreviveram (cf., por exemplo, Conde (2020)). Já nos epitáfios cristãos, a fórmula produz uma hierarquização entre os planos terreno e divino – o dêitico “aqui” remete ao plano terreno, onde estaria apenas o corpo do cristão; esse plano é, em seguida, ressignificado por alguma menção ao plano divino, onde está a alma do fiel, o que conforta a família enlutada: “Aqui jaz os restos mortais de [...]. Senhor ele poderia ainda estar conosco mas Vós o chamaste”. O “aqui jaz” é, portanto, suplantado pela ideia de um lugar e de um tempo outros, aos quais todo cristão aspira.

3.6. MODO DE ENUNCIÇÃO

Maingueneau (2021, p. 94) define o modo de enunciação como sendo uma “maneira de dizer” que remete a uma “maneira de ser” específica de um discurso. Segundo o autor, por meio do corpo textual, o discurso constrói uma corporalidade para o enunciador, o que é inseparável de um carácter ou de conjunto de traços psicológicos. Isso permite ao enunciatário construir uma certa imagem do enunciador. O plano “modo de enunciação” antecipa algumas discussões relacionadas ao *ethos* discursivo, designação que o autor passou a adotar em obras posteriores (Maingueneau, [1987] 1997).

Com base nesses conceitos, podemos afirmar, em termos gerais, que a corporalidade construída pelos epitáfios cristãos é a de um corpo enunciativo circunspecto, em sofrimento por ocasião do luto, mas resignado perante a vontade divina. A partir disso, se desdobra uma imagem de “bom cristão”, de um sujeito devoto, temente a Deus, que sabe da sua condição de

inferioridade em relação ao criador e que, por isso, está resignado com os desígnios divinos. Por exemplo, um epitáfio afirma: “Pai [dirigindo-se ao falecido], a dor é imensa. A saudade é eterna. [...] Que Deus te ilumine! As lágrimas que caem de nossos olhos não são de revolta, e sim de SAUDADE”.

Entendemos que essa compleição invariavelmente disfórica que emana dos epitáfios da amostra resulta das restrições impostas por uma visão solene da morte e de uma incompatibilidade com o riso que daí decorre. Não por acaso, a rica tradição de epitáfios deliberadamente humorísticos tende a ser encarada como blasfêmia ou sintoma de pouca fé por essa FD. Por exemplo, no séc. XVIII, ao comentar o epitáfio do poeta John Gay – “A vida é um chiste; e tudo o revela com clareza / Pensei assim em tempos; mas agora tenho a certeza” (Pereira, 2016, p. 103) –, o moralista anglicano Samuel Johnson ([1738] 2009, p. 10-12) afirmou que esse “gracejo frívolo” seria mais apropriado a um ateu e, por isso, indigno de estar em escrito em uma igreja (Gay está sepultado na Abadia de Westminster, em Londres). Para Johnson (2009, p. 12), o melhor exemplo de epitáfio seria este: “Que todos os que me contemplam aprendam a ser devotos”.

Essa associação do riso a um sintoma geral de pouca fé foi primeiro estabelecida a partir de interpretações do próprio texto bíblico. Screech (2015) observa que, no Velho Testamento, Deus anuncia a Sara que ela, aos 90 anos, irá ser mãe, ao que ela se ri, incrédula. Quando a figura divina repreende Sara por essa reação, ela nega que se tenha rido – assim, prefere mentir a Deus do que confessar o riso. Maria, a quem um anjo também teria anunciado uma gravidez improvável, primeiro reage ficando perturbada, ou seja, séria (“perturbou-se muito”, na formulação do Evangelho segundo Lucas) e, em seguida, responde com o assentimento pleno. A atitude mariana é frequentemente apresentada como um contraponto positivo à conduta

cética de Sara e, para boa parte dos cristãos, Maria é uma figura central e um modelo de fé a ser seguido. Há diversas outras passagens da *Bíblia* e de seus exegetas que corroboram a visão de que o riso, em geral, goza de má reputação na fé cristã. Por exemplo, Eclesiastes (7,3-4) afirma que “mais vale um momento de tristeza do que dias de riso, porque é o rosto circunspecto que produzirá um coração compreensivo”. Jesus Cristo, o arquétipo de ser humano para essa FD, nunca se ri (pelo menos nos evangelhos canônicos), embora chore duas vezes. São Basílio considera o riso um pecado, uma ofensa a Deus (Minois, 2003), e João Batista de La Salle (1703), um santo particularmente influente no campo da educação, adverte que o riso perturba a prática espiritual e que por isso o bom cristão, em geral, deve evitar se rir. Além disso, por estarem associados ao prazer carnal e à animalidade, rir e sorrir foram sendo considerados índices de possessão demoníaca pela fé cristã ao longo de vários séculos (Minois, 2003).

Embora se possa argumentar que essa interpretação negativa não seja unânime ou tenha se alterado em posições doutrinárias mais recentes, as quais reivindicam mesmo que o Deus cristão seria um Deus alegre, no que diz respeito ao tema da morte, o riso não pode deixar de se impor como uma interdição aos epitáfios dessa FD. “Temer a Deus”, algo particularmente importante quando um cristão morre, pois pode garantir a sua última chance de salvação, evoca simultaneamente os efeitos de sentido de respeitar e recear. Ora, a natureza anárquica e subversiva do riso contrapõe-se ao respeito e ao receio e, conseqüentemente, à solenidade, podendo gerar uma descontração que afrouxaria o temor à autoridade divina e à iminência do julgamento final. Para mais, um epitáfio de *ethos* galhofeiro, que fizesse rir, ativaria no cristão um fenômeno do corpo, opondo-se, assim, à espiritualidade a que o fiel deve aspirar no momento da morte.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, propusemos a análise de seis planos da semântica global de epitáfios cristãos, a partir de uma amostra de enunciados coletados em um dos cemitérios mais antigos da cidade de Porto Velho. As análises procuraram mostrar como uma visão solene da morte, imposta pela FD cristã, funciona nesses diversos planos. No plano da intertextualidade, vimos que a /Solenidade/ limita as citações, essencialmente, a passagens da *Bíblia* – a morte é um momento demasiado importante para que o cristão desvie o foco de um conjunto de livros que é para ele sagrado. No plano dos temas, os enunciados expressam dogmas caros aos cristãos, como o da vida eterna e o da infalibilidade dos desígnios divinos. No plano do vocabulário, apontamos que determinadas empregos lexicais deixam o discurso mais formal, sinalizam uma postura de reverência por parte do enunciador e indicam uma hesitação na própria nomeação da morte. A tipografia cursiva, frequentemente encontrada na amostra, está em sintonia com a visão solene imposta pela FD cristã, pois evoca formalidade e aponta para uma preocupação com a estética da apresentação dos enunciados. No plano da dêixis enunciativa, céu e eternidade, categorias ligadas ao sublime, constituem o espaço-tempo privilegiado pelos epitáfios. No último plano analisado, argumentamos que a /Solenidade/ interdita o riso, do que decorre um *ethos* invariavelmente disfórico, articulado a uma imagem de “bom cristão” construída pelos epitáfios. Julgamos que analisar um número considerável de enunciados e privilegiar aspectos mais recorrentes permitiu-nos melhor explorar o conceito de semântica global, apontando as regularidades e, conseqüentemente, algumas especificidades da FD aqui em questão.

Conforme referimos na seção anterior, compuseram a amostra de epitáfios analisados neste artigo enunciados produzidos ao longo de aproximadamente um século (de 1928 a 2021). Apesar desse lapso temporal estendido, podemos identificar uma estabilidade na formulação

desse enunciados ao longo do tempo, com vários aspectos recorrentes e poucas diferenças significativas. Embora sequer tenham como foco o discurso cristão, pesquisas realizadas em cemitérios de outras regiões do Brasil, como as de Lima (2011, 2016), com levantamentos nas cidades de Vitória e São Paulo, apontam para um corpus em muitos aspectos semelhante ao considerado nesta pesquisa. Essa regularidade espacial e temporal dos epitáfios cristãos pode ser justificada, respectivamente, pelo carácter dominante e, portanto, onipresente do discurso cristão no país e pelas próprias características do discurso religioso, que tende a não reconhecer “outra autoridade além da sua própria” e “não admitir quaisquer outros discursos acima deles” (Maingueneau, [2006] 2012, p. 37). É possível compreender essas ponderações se pensarmos que a FD cristã está assente em um conjunto de dogmas estabelecidos há cerca de 2 mil anos – e daí decorre a sua relativa estabilidade ao longo do tempo e do espaço, o que também permite aos cristãos a constituição de uma comunidade mais ou menos homogênea e coesa, centrada na partilha de uma vivência religiosa comum.

Em relação à predominância de epitáfios datados a partir dos anos 2000 na amostra, isso pode ser relacionado às próprias condições materiais impostas por uma cidade montada em plena floresta amazônica a partir da primeira metade do século XX (Nogueira, 2015). Provavelmente, a maior frequência de epitáfios em décadas mais recentes coincide com a popularização do acesso aos meios tipográficos necessários para a inscrição das lápides na capital rondoniense.

Por fim, em pesquisas futuras, outros aspectos dos epitáfios cristãos podem ser analisados. Por exemplo, a cenografia, outro conceito cunhado por Maingueneau (2012), pode resultar em análises produtivas. O termo remete ao modo singular como os enunciados constroem uma específica cena de fala, a partir do tipo de discurso e de determinadas condições de enuncia-

ção impostas por cada gênero. Esse conceito pode ser aplicado ao estudo não só da tipificação de epitáfios que expusemos na introdução, mas também os casos menos recorrentes, embora também encontrados na amostra, de um sujeito enunciador morto que dialoga com os seus familiares e amigos.

REFERÊNCIAS

- Ariès, P. (2014). *O homem diante da morte*. São Paulo: Ed. da Unesp.
- Bíblia Sagrada*. (2000). Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional.
- Câmara Municipal de Porto Velho. 2021. Lei n.º 2.820, de 24 de junho de 2021. Declara como patrimônio histórico-cultural do município de Porto Velho o Cemitério dos Inocentes. *Diário Oficial dos Municípios de Rondônia n.º 3002*, de 07 de julho de 2021. Acedido em novembro 05, 2021 em <https://bit.ly/3kurH4j>.
- Charaudeau, P.; Maingueneau, D. (2004). *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto.
- Conde, E. A. (2020). Aquí y ahora: la deixis en los epitafios de la Grecia clásica. *Revista de Filosofía*, 52 (148). Acedido em outubro 15, 2021 em <https://bit.ly/3EzHFkS>.
- Exame. (2013). *As capitais mais (e menos) evangélicas do Brasil*. Por Marco Prates. Acedido em agosto 15, 2021 em <https://bit.ly/3hMvCrI>.
- IFMG. (2021). *Diferentes tipos de tipografia: Guia completo para não designers*. Acedido em agosto 15, 2021 em <https://bit.ly/39G2A8R>.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2010). *Porto Velho Censo 2010 – Amostra Religião*. Acedido em agosto 15, 2021 em <https://bit.ly/3lG5Kia>.
- Johnson, S. (2009). On Gay's epitaph. *Consolation in the face of death*. London: Penguin Books, pp. 10-12.
- La Salle, J. B. de. (1703). *Regras do decoro e da urbanidade cristãos*. Acedido em setembro 30 em <https://bit.ly/2Zuxhfo>.
- Lima, R. V. de. (2011). *O desvelamento do sujeito e da morte no discurso dos epitáfios*. 118 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Línguas e Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória. Acedido em agosto 15, 2021 em <https://bit.ly/3pSkrm1>.
- _____. (2016). *O gênero de discurso epitáfio e a imagem do outro na memória social*. 183 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. Acedido em setembro 15, 2021 em <https://bit.ly/3BxTkyO>.
- Maingueneau, D. (1997). *Novas tendências em Análise de Discurso* (3.ª ed.). Pontes: Ed. da Unicamp.

ARTIGO RECEBIDO A
03/04/2023
ARTIGO APROVADO A
20/07/2023

Maingueneau, D. (2012). Os discursos constituintes. *Cenas da iniciação*. (2.^a ed.). São Paulo: Parábola, pp. 37-54.

_____(2021). *Gênese dos discursos*. (2.^a ed., 3.^a reimpressão). São Paulo: Parábola.

Minois, G. (2003). *História do riso e do escárnio*. São Paulo: Ed. da Unesp.

Nogueira, M. G. C. (2015). *Entre catéguas e mundiças: territórios e territorialidades da morte na cidade de Porto Velho*. 234 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, Curitiba. Acedido em setembro 15, 2021 em <https://bit.ly/3G7AbJe>.

Pereira, R. A. (2016). *A doença, o sofrimento e a morte entram em um bar: uma espécie de manual de escrita humorística*. Lisboa: Tinta da China.

Screech, M. A. (2015). *Laughter at the foot of the cross*. Chicago: University of Chicago Press.

